O KOKUE COMO PRÁTICA DE CONSERVAÇÃO DOS TERRITÓRIOS E DA CULTURA INDÍGENA

Idamari Lemes Batista¹, Andréia Sangalli¹

1. UFGD;

* Autor para contato: idamarilemesbatista@gmail.com

Ao considerar a escassez de registros sobre a organização dos espaços produtivos e das práticas desenvolvidas no cultivo da roça tradicional (*Kokue*) por comunidades Guarani e Kaiowá de MS, a pesquisa teve como propósito identificar famílias que praticam o *Kokue* e descrever sobre os saberes e experiências do relacionamento entre os Guarani e Kaiowá e a Terra. A pesquisa foi realizada na Aldeia Amambaí, município de Amambaí e na Aldeia Taquaperi, em Coronel Sapucaia. Os dados foram coletados a partir da realidade de duas senhoras que são conhecidas nas aldeias por “mulheres que plantam” e retiram seu sustento e de suas famílias do cultivo da terra. Através de visitas *in loco* (realizadas somente após a imunização ao Coronavírus) e do uso de questionário semiestruturados, foram sendo registradas as observações e falas das “mulheres que plantam”, com foco a identificar os saberes, as limitações e as potencialidades nas unidades produtivas. Os rituais tradicionais continuam sendo praticados por elas antes do plantio. “*Todas as vezes que preparo a o solo para o plantio, peço ao Ñande Ru, Ñandejara ou Tupã para abençoar o solo para uma boa produção.*” O calendário agrícola tradicional indicado pelas entrevistadas aponta que o cultivo do *Kokue* deve ser realizado entre os meses de janeiro a março e posteriormente, de setembro a novembro respeitando as luas e o regime das chuvas. Nos meses intermediários é necessário deixar a terra descansar além das chuvas serem escassas e o cultivo não ser produtivo na *JasyRa’y* (Lua nova). Quanto ao manejo do solo, semeadura, capina e colheita, tudo é feito de forma manual, evitando maiores impactos ao solo e não há uso de agrotóxicos. Dentre as espécies cultivadas no *Kokue*, está as que compõem a base alimentar das famílias indígenas: *mandi’o* (mandioca), *avati* (milho), *kumanda* (feijão), *jety* (batata doce), *takuare’ê* (cana-de-açúcar), *andai* (abóbora), *manduvi* (amendoim), além de frutíferas como (arasa) goiaba e (pakova) banana, e que mesmo sendo produzidas em

pequena quantidade, contribuem para alimentar as famílias com segurança, pois ao redor da roça permanece a natureza. Assim, as potencialidades são evidenciadas nas práticas de cultivo. A limitação apontada pelas mulheres refere-se à escassez de água, que muitas vezes acontece mesmo no período de chuvas, e atribuem essas mudanças as alterações na natureza: “*as mudanças climáticas e as mudanças da natureza acaba interferindo nos plantios e nos costumes tradicionais indígenas*”. Constatou-se dessa forma que a produção de agricultura tradicional (através do *Kokue*) é um exercício cotidiano entre mulheres indígenas e que essas práticas contribuem para a conservação ambiental: “*Desde a infância é importante que homens e mulheres, que também têm o papel de aprender a cultivar a terra, terem o conhecimento de praticar a agricultura familiar sem fazer o desmatamento da natureza*”.

Palavras-chave: Soberania Alimentar, práticas agrícolas tradicionais, mulheres Guarani e Kaiowá.

Agradecimentos: ao CNPq pela concessão de bolsa de Iniciação Científica.